

**REFLEXÕES SOBRE O DISCURSO EM QUARTO DE DESPEJO DE
CAROLINA MARIA DE JESUS**

**REFLECTIONS ON DISCOURSE IN *CHILD OF THE DARK* BY CAROLINA
MARIA DE JESUS**

**REFLEXIONES SOBRE EL DISCURSO EN CUARTO DE DESPEJO DE
CAROLINA MARIA DE JESUS**

Maria Rerbelânia de Souza Pereira ¹
José Marcos Rosendo de Souza ²
Macileide Rufino Silva³
Agenor Leandro de Sousa Filho⁴
Veronica Nogueira do Nascimento⁵

RESUMO

Este estudo tem como o foco a análise da obra Quarto de despejo - Diário de uma favelada da autora Carolina Maria de Jesus, escrito em 1960. Questionar a obra de Maria de Jesus é ir além da realidade apresentada pela autora como moradora da favela Canindé na cidade de São Paulo. Na pós-modernidade, a realidade e o outro não mais assustam, visto que a própria realidade se encontra no fosso do individualismo e do presentismo, marcas tão profundas da nossa contemporaneidade. Como base teórica principal nos valem de autores como Bauman (1988) para embasar a discussão sobre a pós-modernidade, Orlandi (1999), Silva (2009) e Certeau (2014) para endossar a prerrogativa em relação ao discurso. O método aplicado para a análise desta pesquisa foi a descritiva documental, o que nos proporcionou uma ilustração condizente com o propósito deste trabalho. Esperamos estimular de alguma forma a pesquisa acadêmica sobre a análise do discurso, atrelada aos conceitos de pós-modernidade.

Palavras-chave: Discurso. Maria de Jesus. Pós-modernidade. Espaço.

ABSTRACT

This study focuses on the analysis of the work “Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus,” written in 1960. Questioning Maria de Jesus’s work goes beyond the reality presented by the author as a resident of the Canindé favela in the city of São Paulo. Discourse gets lost in

¹ Especialista em Educação Especial e Libras (Faculdade Kurios – FAK); Especialista em Língua Portuguesa e Literatura (Faculdade de Juazeiro do Norte – FJN), Instituição: URCA, ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7175-1222>, Email: maria.pereira@urca.br

² Doutor pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Instituição: Universidade Estadual do Ceará - UECE, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1876-803X>, Email: jose.marcos@uece.br

³ Especialista em Currículo e Prática Docente dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (Universidade Federal do Piauí - UFPI); Especialista em Produção Textual (Faculdade Venda Nova do Imigrante - FVNI), Instituição: Universidade Regional do Cariri - URCA, ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-9126-9202>, Email: macileide.silva@urca.br

⁴ Mestre em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Cariri (UFCA), Instituição: Universidade Regional do Cariri - URCA, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4814-4129>, Email: agenor.leandro@urca.br

⁵ Pedagoga, Mestra em Desenvolvimento Regional Sustentável - UFCA, Instituição: Universidade Regional do Cariri - URCA, ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-4613-8714> Email: veronica.nogueira@urca.br.



postmodernity, where reality and the other no longer frighten, given that reality itself is in the pit of individualism and presentism, such profound marks of our contemporaneity. The main theoretical basis relies on authors such as Bauman (1988) to support the discussion on postmodernity, Orlandi (1999), Silva (2009), and Certeau (2014) to endorse the prerogative regarding discourse. The method applied for the analysis of this research was descriptive documentary, which provided us with an illustration consistent with the purpose of this work. We hope to somehow stimulate academic research on discourse analysis, linked to the concepts of postmodernity.

Keywords: Discourse. Maria de Jesus. Postmodernity. Space.

RESUMEN

Este estudio se centra en el análisis de la obra “Cuarto de Despejo: Diario de una Favelada” de la autora Carolina Maria de Jesus, escrita en 1960. Cuestionar la obra de Maria de Jesus va más allá de la realidad presentada por la autora como residente de la favela Canindé en la ciudad de São Paulo. El discurso se pierde en la posmodernidad, donde la realidad y el otro ya no asustan, dado que la propia realidad se encuentra en el foso del individualismo y el presentismo, marcas tan profundas de nuestra contemporaneidad. La base teórica principal se apoya en autores como Bauman (1988) para sustentar la discusión sobre la posmodernidad, Orlandi (2001), Silva (2009) y Certeau (2014) para respaldar la prerrogativa en relación con el discurso. El método aplicado para el análisis de esta investigación fue descriptivo documental, lo que nos proporcionó una ilustración coherente con el propósito de este trabajo. Esperamos estimular de alguna manera la investigación académica sobre el análisis del discurso, vinculado a los conceptos de posmodernidad.

Palabras clave: Discurso. Maria de Jesus. Posmodernidad. Espacio.

INTRODUÇÃO

Carolina Maria de Jesus escreveu seu principal diário⁶ na década de 1960, enquanto morava na favela do Canindé, às margens do rio Tietê. Sua obra apresenta um triste relato da condição dos moradores da favela, evidenciando a violência em inúmeras facetas e o descaso dos órgãos públicos, frequentemente criticados pela autora. Este trabalho é relevante por destacar a inteligência e o protagonismo de Carolina, uma mulher negra e periférica, cuja obra carrega uma significância literária profunda e multifacetada.

O presente artigo tem como objetivo analisar o discurso presente na obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, à luz das teorias do discurso e da pós-modernidade. Com base em autores como Orlandi (2001), Bauman (1988) e Certeau (2014), buscamos compreender como a narrativa da autora se posiciona dentro de um contexto histórico e social marcado pela marginalização e exclusão.

⁶ Quarto de despejo - Diário de uma Favelada

O discurso em *Quarto de Despejo* não apenas documenta a realidade crua da vida na favela de Canindé, mas também serve como uma ferramenta de denúncia e resistência. A obra de Maria de Jesus carrega elementos ideológicos e sociais que dialogam com as teorias do discurso, especialmente no que tange à forma como a linguagem constrói e reflete as relações de poder, exclusão e identidade. Nesse sentido, o discurso na obra transcende a mera expressão pessoal e atinge uma dimensão coletiva e política.

Ao longo deste artigo, examinaremos como o discurso produzido por Maria de Jesus se alinha ou se distancia de teorias clássicas da análise de discurso. Investigaremos, por exemplo, como a autora utiliza o discurso como forma de resistência, questionando a realidade social e política de sua época. Essa relação entre o discurso literário e as teorias de discurso será explorada com o intuito de aprofundar a compreensão da obra dentro do contexto pós-moderno, marcado pela fragmentação e pelo individualismo.

Quando questionamos a obra de Maria de Jesus ela apresenta uma proximidade das realidades das favelas e os bairros periféricos na contemporaneidade. Em seu texto, além de narrar o triste cotidiano em que ela vive em sua escrita, pois a obra não é um mero desabafo ou intuito de ascender socialmente, o diário é utilizado como denúncia. Podemos encontrar um exemplo dessa denúncia quando Maria de Jesus afirma que

Os políticos só aparecem aqui em épocas eleitorais. O senhor Cantidio Sampaio quando era vereador em 1953 passava os domingos aqui na favela. Ele era tão agradável. Tomava nosso café, bebia nas nossas xicaras. Ele nos dirigia as suas frases de viludo. Brincava com nossas crianças. Deixou boas impressões por aqui e quando candidatou-se a deputado venceu. Mas na Câmara dos Deputados não criou um projeto para beneficiar o favelado. Não nos visitou mais. (SILVA, 2014, p, 28)

A partir deste trecho, podemos identificar o olhar atento da autora para a realidade de sua época que, infelizmente, ainda é a nossa realidade, contudo poucos questionam esse processo e seguem reelegendo os político que tem essa prática. Bauman (1998), ao analisar a sociedade pós-moderna, observa que todas as sociedades criam 'estranhos', ou seja, aqueles que não se encaixam nos padrões estabelecidos. Ele afirma: 'Todas as sociedades produzem estranhos. Mas cada espécie de sociedade produz sua própria espécie de estranhos e os produz de sua própria maneira, inimitável.' (BAUMAN, 1998, p. 27). Essa ideia ressoa com a trajetória de Carolina, cuja caneta

afiada e visão crítica a tornam uma 'estranha' em seu próprio meio, revelando o que muitos não conseguiam ver.

Este ensaio, portanto, busca apresentar quem foi Carolina Maria de Jesus e analisar o discurso que ela produziu na década de 1960, intercalando-o com os conceitos criados pela pós-modernidade. As favelas, assim como outros grupos marginalizados no Brasil, são frequentemente vistas como 'o outro', refletindo as profundas desigualdades sociais enraizadas no passado escravocrata do país. Discutir a pós-modernidade neste contexto significa questioná-la através dos próprios conceitos que a sustentam, como o presentismo e o choque das grandes ideologias do século XX.

No primeiro momento, discutiremos o conceito de discurso e sua inserção nos debates acadêmicos da pós-modernidade. Em seguida, apresentaremos a autora e sua obra *Quarto de Despejo*. Por fim, analisaremos como a obra de denúncia coloca em xeque a pós-modernidade, marcada pelo individualismo que permeia a sociedade contemporânea.

A pós-modernidade e o discurso

A pós-modernidade é um conjunto de mudanças nas sociedades, especialmente nas artes e ciências, que surgiram após a década de 1950, quando o modernismo começou a ser questionado (SILVA, 2009). A pós-modernidade, como destacado por autores como Bauman (1988) e Silva (2009), é marcada pela fragmentação das grandes narrativas e pelo predomínio do individualismo e do presentismo. No contexto literário, essas características refletem-se na maneira como o discurso se transforma em uma ferramenta de resistência contra as estruturas sociais opressivas. Em *Quarto de Despejo*, a marginalização e exclusão social que Carolina Maria de Jesus vivencia é um exemplo claro de como a pós-modernidade molda novas formas de exclusão, conforme descrito por Bauman (1998), que aponta a produção de 'estranhos' na sociedade contemporânea.

Antes de discutirmos o conceito de pós-modernidade é necessário questionar a própria modernidade em suas estruturas, para apresentarmos como a ela surgiu e como o seu discurso advém de todo um desmantelamento da sociedade iluminista⁷, levando

⁷ É a sociedade europeia pós a **Primavera dos Povos** (1848-1917), com a derrubada das monarquias absolutas ou profundas mudanças sociais ocorrida na sociedade ou a luta por independência.

ao colapso das suas instituições num mundo voltado para o consumismo. Para Japiassu (2001)

1. Característica daquilo que é moderno. Em um sentido geral, a modernidade se opõe ao classicismo, ao apego aos valores tradicionais, identificando-se com o nacionalismo, especialmente quanto ao espírito crítico, e com as ideias de progresso e renovação, pregando a libertação do indivíduo do obscurantismo e da ignorância através da difusão da ciência e da cultura em geral. 2. Nova forma de pensamento e de visão de mundo inaugurada pelo Renascimento e que se contrapõe à escolástica e ao espírito medieval, desenvolvendo-se nos séculos XVI e XVII com Francis Bacon, Galileu e Descartes, dentre outros, até o Iluminismo do séc. XVII, do qual é a principal expressão. 3. A questão da modernidade caracteriza uma controvérsia contemporânea, envolvendo questões filosóficas de interpretação da sociedade, da arte e da cultura. E representada, por um lado, pelo filósofo francês *Lyotard e, por outro, pelo filósofo alemão *Habermas. Lyotard introduz a ideia da "condição pós-moderna" como uma necessidade de superação da modernidade. Sobretudo da crença na ciência e na razão emancipadora, considerando que estas são, ao contrário, responsáveis pela continuação da subjugação do indivíduo. (JAPIASSÚ, 2001.p.132)

Conforme tratado pelo autor citado, as ideias de progresso e renovação, pregando a libertação do indivíduo do obscurantismo e da ignorância através da difusão da ciência e da cultura em geral, é a parte dos principais pontos que a modernidade mostrou como uma nova maneira de se questionar o espaço partindo da cultura e da ciência. A modernidade “nasce” no período chamado de renascimento, aonde o controle da cristandade⁸ perdia cada vez mais espaço para a camada burguesa principalmente nas cidades estados italianas.

Entre a chamada idade média e o surgimento do renascimento, as autoridades eclesiásticas apresentavam o seu discurso teológico à todas as nações submetidas à cristandade. O importante de se questionar os períodos de transição é percebermos como o “pós” sempre esteve presente na história humana, aonde nos períodos de transição, os questionamentos sobre “a próxima etapa” estará sempre em debate e como os indivíduos que se encontram nesse momento se questionariam em seu contexto histórico.

A pós-modernidade se encontra nessa faceta, o progresso produzido pela sociedade iluminista ainda paira no ambiente social, mas é transformada ou recolocada

⁸ Durante o medievo não havia a ocorrência a separação do cristianismos em suas vertentes (Católica, Ortodoxa, Protestante, Anglicana e outras) essa separação só ocorreu com as Reformas (Martin Lutero e Calvino). Sendo que a Igreja Ortodoxa e a cristandade se separou com o fim do Império Romano (Ocidental).



para o desenvolvimento técnico. Assim como as mudanças apresentadas, a pós-modernidade tem em sua base ferramentas que a própria modernidade criou e desenvolveu.

Segundo Esperandio (2007), a pós-modernidade é caracterizada pela ruptura com os valores universais e a crença na razão absoluta que marcaram a modernidade. Ela questiona a ideia de progresso linear e as "metanarrativas" – grandes teorias explicativas que orientam e justificam o conhecimento e a cultura, como a ciência, a religião, e o próprio conceito de progresso. No contexto pós-moderno, a fragmentação do conhecimento e a pluralidade cultural se tornam centrais, e há uma valorização da subjetividade e das múltiplas perspectivas.

Esperandio (2007) observa, ainda, que a pós-modernidade é, também, uma era de transição e incerteza, onde a desconfiança em relação à objetividade leva à criação de significados mais relativos e locais, em oposição aos valores universais da modernidade. Esse período é marcado por um certo desencanto com a capacidade da ciência e da tecnologia em resolver os problemas humanos e uma ênfase maior nas experiências pessoais e na diversidade cultural e ideológica. Para Bauman (1998) no seu ensaio sobre a pós-modernidade, é analisado variados aspectos que a compõem e como eles se encontram em choque.

Questionar a pós-modernidade como os conceitos em que foram “perdidos” não é entendê-los como uma destruição deles e sim, que a hegemonia de uma sociedade burguesa liberal criada com a queda da monarquia francesa, não conseguindo mais comportar ou ignorar a realidade das ações humanas em suas pluralidades. Questionar a obra de Maria de Jesus é procurar um novo horizonte de referência em que não tenha como base o núcleo de velhas tradições, dando espaço para essa gravura grotesca aonde o anti-cientificismo, o profascismo, presentismo e a completa negação do *outro*.

Para Certeau⁹ (2008. p. 57) quando é apresentado o discurso do seu famoso homem ordinário, a linguagem e a historicidade se encontram no cerne dos seu questionamento, pois o autor compreende que os agentes sociais são todos que atuam nos espaços e na sua transformação em lugares.

⁹ Se encontra na discussão levantada por Certeau (2008) no seu livro a **Invenção do Cotidiano** no verbete com a titulação **Uma Cultura muito ordinária**.

Esperandio (2007), reitera a proposição Foucault, ao definir que o discurso não se desalia da prática, mas sendo ele um reflexo daqueles que o produzem. Nesse caminho, a pós-modernidade valoriza experiência humana em detrimento de narrativas totalizantes que tendem a buscar verdades universais e irreais. Sendo assim, ao invés de uma única "verdade", a pós-modernidade valoriza as "pequenas narrativas" – histórias e saberes locais, múltiplos e fragmentados que refletem a diversidade da experiência humana (Esperandio, 2007).

Essa valorização das narrativas locais e fragmentadas, própria da pós-modernidade, ressalta a importância do discurso como uma prática social que carrega e transmite as vivências individuais e coletivas. O conceito de discurso, central para os estudos da linguagem, vai além da simples estrutura gramatical ou da expressão verbal. Ele é uma prática social, carregada de significados individuais e coletivos que refletem as relações de poder, ideologia e identidade. Segundo Eni Orlandi (2001), o discurso deve ser entendido como "a palavra em movimento", uma ação que revela não apenas a língua, mas as vivências dos falantes e as condições sociais e históricas que moldam a produção de sentido. Para Orlandi, o discurso se constitui em um processo dialógico, no qual múltiplas vozes e visões de mundo se encontram, competem e se sobrepõem, muitas vezes de forma desigual.

Dentro desse entendimento, o discurso não é neutro. Ele reflete e, simultaneamente, constrói as relações de poder e exclusão em uma sociedade. Como Orlandi (2001, p. 80-81) afirma, "na análise de discurso, envolve também a ideologia". Isso significa que todo discurso está impregnado por uma visão de mundo, que por sua vez está relacionada às posições sociais e aos interesses dos falantes. A relação entre discurso e ideologia é um dos aspectos fundamentais para compreender como a linguagem pode ser usada tanto para manter quanto para desafiar estruturas de poder.

Na obra Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus, o discurso da autora se coloca como um espaço de resistência e denúncia das exclusões sociais que ela vivenciava como moradora da favela de Canindé. O discurso de Carolina não é apenas um reflexo de sua realidade, mas uma ferramenta que ela utiliza para evidenciar as injustiças sofridas pela sua comunidade. Ao fazer isso, ela se insere em uma longa tradição de discursos de resistência, que se apropriam da linguagem para contestar as estruturas de poder que silenciam os marginalizados.

Como Pecheux (1997, p. 311) explica, "um processo de produção discursiva é concebido como uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma", de modo que os sujeitos acreditam ser "donos" de seus discursos, quando na verdade são "servos assujeitados" às ideologias que moldam suas percepções e expressões. No caso de Carolina Maria de Jesus, sua condição de mulher negra e pobre impacta diretamente a forma como seu discurso é construído e recebido pela sociedade. Ainda que ela produza uma narrativa original, suas palavras estão atravessadas por outras formações discursivas que refletem a estrutura social excludente de sua época.

Dessa forma, a interpretação do discurso, como aponta Orlandi (2001), também é um processo social e ideológico que deve levar em conta a infraestrutura que o autor e a obra estão inseridos. Nas palavras de Orlandi (2001, p. 45-46), "não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar". Assim, cada leitor de Quarto de Despejo trará para o texto suas próprias vivências e condições de leitura, o que resultará em diferentes interpretações do discurso de Carolina.

Além disso, a teoria do Círculo de Bakhtin, por meio de Volochínov (2019), complementa essa visão ao enfatizar o caráter profundamente social e dialógico do discurso. Para Volochínov, o discurso é sempre constituído na interação entre falantes, ou seja, ele está impregnado pelo contexto cultural, histórico e social no qual é produzido. Dessa forma, o discurso de Carolina Maria de Jesus pode ser entendido como uma resposta aos discursos de exclusão e marginalização que dominavam a sociedade brasileira na década de 1960, ao mesmo tempo em que antecipa futuras discussões sobre desigualdade e direitos humanos.

Portanto, a obra de Carolina Maria de Jesus reflete não apenas a dura realidade da favela, mas também as complexas relações de poder e exclusão que permeiam a sociedade. Sua escrita, ao denunciar essas injustiças, desafia as ideologias dominantes e dá voz a aqueles que, muitas vezes, são silenciados pelos mecanismos discursivos do poder. Essa resistência discursiva, presente na obra de Carolina, conecta-se diretamente com as transformações sociais e ideológicas que emergem da modernidade e culminam na pós-modernidade, o que nos leva a questionar como essas mudanças estruturais moldaram novas formas de exclusão e poder.

Na obra *Quarto de Despejo*, Maria de Jesus elabora, cria e desenvolve inúmeros aspectos sobre o seu dia a dia. A autora transforma, através do seu trabalho como catadora, o espaço, que também deveria ser seu, em lugar. Como Certeau (2014) deixa bastante claro, o espaço é o efeito produzido pelas as nossas operações que orientam e o circunstanciam através dos nossos efeitos produzidos através do espaço. Para este autor, o espaço é um lugar praticado é nessa prática na ação do sujeito que nasce o lugar.

Maria de Jesus através do seu Diário apresenta uma narrativa aonde os principais eventos do seu dia são postos, entender o seu significante através do texto é conseguir compreender o seu significado como moradora da favela de Canindé, como intelectual bastante crítica e presente. Assim, é fundamental questionar esses elementos da sociedade pós-moderna e interroga-los através do discurso e entende-los como uma categoria histórica. Conforme Silva (2009),

[...] interpretar o discurso, este definido como a forma por meio da qual os indivíduos proferem e aprendem a linguagem como uma atividade produzida historicamente determinada. [...] Para ela, todo discurso materializa determinada ideologia na fala a partir de um idioma específico. Desse modo, todo discurso possui uma ideologia, e é a língua que permite aos indivíduos compreenderem e assimilarem tal ideologia. (Silva, 2009, p. 104)

Em diário de uma favelada percebemos seus pensamentos ontológicos, ou seja, internamente ela compreendia questões pertinentes a literatura e política. Seu texto foi e é considerado uma crítica social não apenas por seu teor político, mas sim por seu comportamento como intelectual inserida nos questionamentos da sua comunidade.

Quando a autora critica em seu diário a dura realidade do favelado, o faz de uma forma mais profunda, e que merece ser analisada como pode ser observado no excerto abaixo

Mas já observei os nosso políticos. Para observá-los eu fui na assembleia. A surcursal do purgatório, porque a matriz é a sede do serviço social, no palácio do governo. Foi lá que vi ranger os dentes. Vi os pobres sair chorando, e as lagrimas do pobres que comove os poetas, não os poetas de salão, mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador que assiste e observa as tragédias que os políticos representam em relação ao povo. (SILVA, 2014, p. 43)

Neste trecho percebemos que a autora, ao apresentar e criticar a realidade que vive, ela o faz a partir dos espaços que a rodeiam. Na pós-modernidade, a categoria de "espaço" é entendida de forma mais fluida e relacional, ao contrário das visões modernas que tendiam a tratar o espaço de forma fixa, como um plano geográfico delimitado e neutro (Harvey, 1989). A

pós-modernidade questiona essa neutralidade e vê o espaço como uma construção social e cultural, que reflete e reforça relações de poder, identidade e exclusão, algo evidente em o Quarto de despejo.

Um conceito central aqui é o de que o espaço é "produzido" e "repleto de significados". Isso significa que o ele não é apenas um local físico, mas um ambiente moldado pelas interações, narrativas e práticas sociais de quem o ocupa e também pelos que são excluídos dele. O espaço pós-moderno é, portanto, dinâmico, plural e atravessado por fluxos de cultura, tecnologia e economia global, onde diferentes vozes e realidades coexistem, nem sempre de maneira harmônica.

Autores como Harvey (1989) contribui com essa visão ao destacar que o espaço urbano, por exemplo, é atravessado por desigualdades e tensões. O autor discute o conceito de "justiça espacial", ressaltando como a organização do espaço reflete injustiças sociais. Dessa forma, a pós-modernidade enxerga o espaço como uma categoria em que se manifestam a diversidade e a fragmentação, características essenciais do pensamento pós-moderno.

Ao analisar a obra de Carolina Maria de Jesus, problematizamos conceitos consolidados pela modernidade, mostrando como sua narrativa pessoal desafia a ordem social estabelecida. Compreender a pós-modernidade, conforme discutido ao longo deste texto, implica situá-la como uma ação histórica e linguística em que o discurso se torna o núcleo transformador, posicionando os sujeitos em seus contextos específicos e refletindo a pluralidade de suas experiências.

Metodologia

Esta pesquisa realizou uma análise descritiva documental, focando na identificação e exploração de um objeto específico: a obra Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus. Para sustentar a indagação proposta, é necessário destacar os principais elementos que compõem tanto a vida quanto a obra da autora, possibilitando uma análise aprofundada sobre como a perspectiva pós-moderna pode impactar a compreensão dessa obra por meio das noções de discurso e espaço.

Independentemente do campo de atuação, o método científico exige uma análise crítica e metodológica do objeto estudado, que deve nortear toda pesquisa científica. O levantamento de hipóteses, por exemplo, baseia-se não em simples ideias, mas em uma análise teórica e metodológica fundamentada. Segundo Popper (1972),

Um cientista, seja teórico ou experimental, formula enunciados ou sistemas de enunciados e os verifica um a um. No campo das ciências

empíricas, formula hipóteses ou teorias e as submete a testes, confrontando-as com a experiência por meio de observação e experimentação (Popper, 1972, p. 27).

Nesse sentido, Popper critica o método de indução e questiona a suposição de que a experiência direta do sujeito pode universalizar conclusões; ele ilustra essa ideia ao observar que, embora muitos cisnes sejam brancos, isso não prova que todos o sejam (Popper, 1972, p. 28).

Com base nesse rigor metodológico, a pesquisa adota uma abordagem histórico-crítica para observar as transformações culturais, econômicas e políticas da sociedade. Esse método permite identificar essas mudanças ao longo do tempo, bem como entender como grupos antagônicos se posicionam e respondem às questões sociais.

Dentro desse escopo, propomos investigar como Carolina Maria de Jesus observa e retrata as dinâmicas sociais em sua obra *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*. Sua narrativa não se limita a uma descrição da realidade das favelas; ela constitui uma análise crítica das estruturas de exclusão e marginalização social.

A partir das categorias de Discurso e Espaço, podemos enquadrar a obra de Carolina no contexto da pós-modernidade, evidenciando como seu texto interage com essas noções ao questionar as condições de vida precária nas margens e ao desafiar as estruturas discursivas que legitimam tais condições.

Assim, uma análise sobre o papel da modernidade e da pós-modernidade na constituição do discurso revela as implicações sociais e ideológicas desses períodos, ajudando a entender como essas mudanças influenciaram a forma de expressão e denúncia da autora.

O Discurso e o Espaço em 'Quarto de Despejo'

Para que possamos compreender o discurso e o espaço na obra da autora de *Quarto de despejo* produziu, primeiramente devemos nos remeter ao jornalista Audálio Dantas¹⁰, que desempenhou um papel fundamental na descoberta de sua escrita. Ao visitar a favela do Canindé para realizar uma reportagem, Dantas ouviu falar de uma catadora de papel que escrevia diários. Fascinado por essa descoberta, ele abandonou a

¹⁰ Para conhecer mais sobre Audálio Dantas, acesse a sua página na Wikipédia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Aud%C3%A1lio_Dantas Acesso em: 01 de nov. 2024.

pauta original e foi atrás de Carolina Maria de Jesus. Esse encontro foi crucial para que *Quarto de Despejo* fosse publicado e ganhasse visibilidade.

A primeira publicação sobre a obra foi na Folha da Noite de 1958, depois na Revista Cruzeiro (1959). Quando o *Quarto de Despejo* foi publicado em formato de livro na década de 1960, chegou a marca de 100 mil exemplares e fora traduzido para treze idiomas. Dantas, no prefácio da obra, indica alguns aspectos sobre o espaço que

O cenário em que foi escrito o diário já não é o mesmo. Parte dele deu o lugar ao asfalto de uma nova avenida, por coincidência chamada de marginal. A marginal do Tietê, (...) em meados dos anos de 1960 surgia o caos semi-urbano e submundo da favela do Canindé, em São Paulo. [...] a favela do Canindé, onde viveu Maria de Jesus, na Rua A, barraco nº 9. (Dantas, 2014, p. 3 e 4)

Como Dantas (2014) destaca em outro trecho do prefácio, Carolina Maria de Jesus teve apenas dois anos de escolaridade. Ao ter acesso aos textos, o jornalista fez algumas correções pontuais, como ajustes na pontuação e a restauração de trechos danificados pelo tempo. No entanto, Dantas optou por não "corrigir" os erros gramaticais presentes na obra, pois acreditava que essas imperfeições carregavam em si o peso dramático e autêntico do discurso de Carolina, refletindo o descaso e a negligência que a sociedade brasileira reservava às comunidades periféricas.

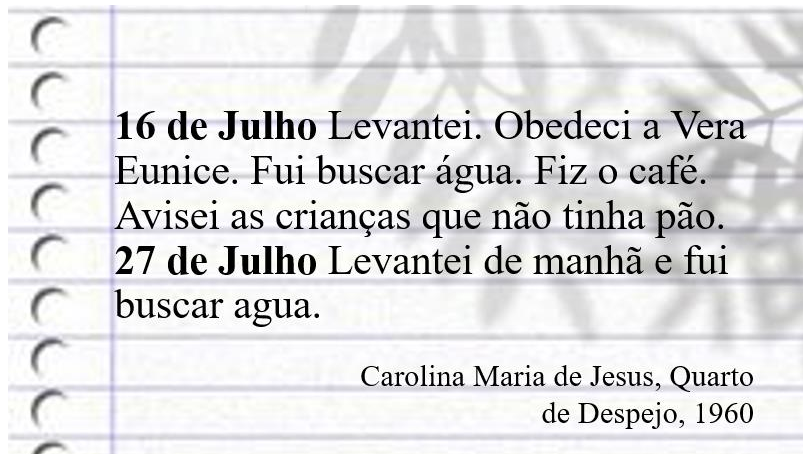
Esse processo de escrita visceral nos permite perceber, no texto, a verossimilhança e a crueza do relato da realidade. Como moradora da favela do Canindé, Carolina Maria de Jesus narra sua contínua luta para alimentar sua família e sobreviver à constante violência ao seu redor. Sua crítica à realidade que vive não é meramente um desabafo pessoal, mas sim uma poderosa denúncia do descaso do governo e uma expressão de seu sonho por uma vida melhor, tanto para sua família quanto para a comunidade. A visceralidade de sua escrita e o local onde mora nos dão uma noção do espaço simbólico que ela ocupava enquanto moradora de uma comunidade que, até hoje, convive com estigmas e preconceitos.

Segundo Certeau (2014), o espaço não é um local neutro, mas uma construção social e prática que reflete as interações e os conflitos do cotidiano. No caso de *Quarto de Despejo*, o espaço da favela é transformado, pelo discurso de Carolina, em um cenário que resiste e desafia as normas sociais impostas. Essa resistência é visível nos detalhes sobre sua luta por recursos básicos, como a água, e nas críticas abertas ao descaso do poder público.

Nos diários de Carolina Maria de Jesus, podemos identificar várias temáticas que permeiam toda a obra, como: a Água, a Comunidade do Canindé, a Violência, o Alcoolismo, o Trabalho, as Datas Festivas e a Fome, sendo esta última quase personificada ao longo do relato. Além dessas questões, a autora apresenta personagens importantes de sua vida, como seus filhos Vera Eunice, João José e José Carlos, e figuras adultas como Orlando Lopes, o homem responsável pela cobrança de luz e água. Embora existam outros personagens, eles não constituem o núcleo central da obra.

Em grande parte do diário, a narrativa começa com a autora descrevendo o ato de buscar água na única torneira da comunidade, uma atividade essencial para preparar o café e realizar o trabalho doméstico. Como se trata de um diário, ou seja, um relato pessoal, sensível e multifacetado do cotidiano de Maria de Jesus, a busca por água torna-se uma constante que toca o leitor e a própria autora. Essa rotina repetitiva e significativa é visível na Imagem 01.

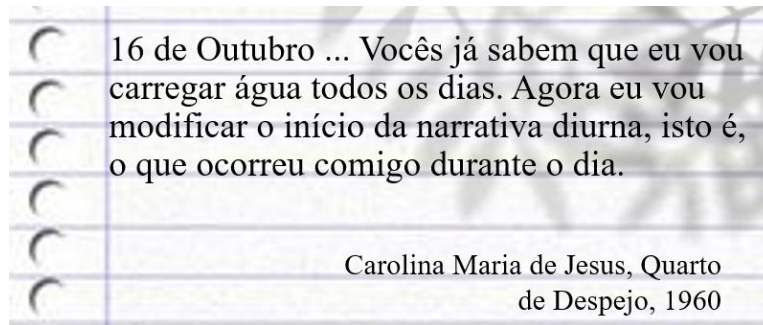
Imagem 0 – Excerto do Livro Quarto de Despejo.



Fonte – Autora da pesquisa com base em Jesus (2014)

Demonstrando uma tremenda determinação, o único momento em que a autora demonstra cansaço, ao relatar sua rotina de buscar água, ocorre na página 106. Nas próprias palavras de Carolina Maria de Jesus, ela avisa aos seus leitores que buscar água é uma constante em sua vida (Imagem 02).

Imagem 02 – Excerto do Livro Quarto de Despejo.

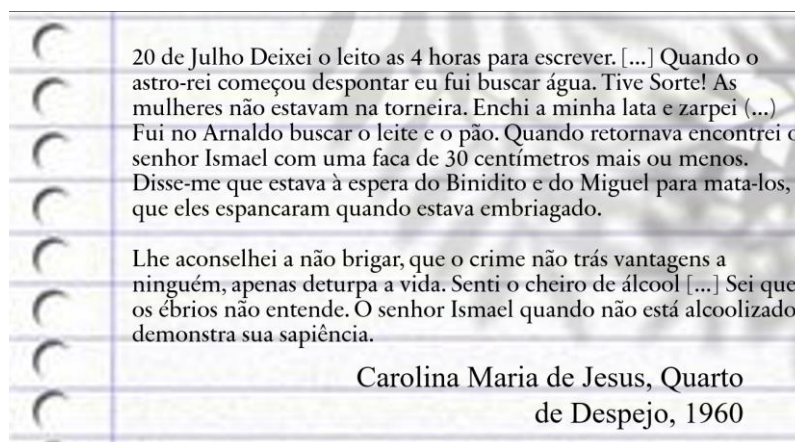


Fonte – Autora da pesquisa com base em Jesus (2014)

A rotina de Maria de Jesus adquire características únicas em sua obra, sendo capaz de criar uma atmosfera densa que envolve o leitor. Orlandi (2001) define o discurso como uma prática que vai além da mera expressão verbal, englobando uma ação social que reflete e, ao mesmo tempo, constrói relações de poder e exclusão. Em *Quarto de Despejo*, o discurso de Carolina Maria de Jesus atua como uma ferramenta de denúncia e resistência, revelando como as palavras da autora transcendem a narrativa pessoal para desafiar as estruturas sociais e ideológicas que a marginalizam. Assim, o carregar água não é apenas um ato físico, mas que simboliza a dificuldade que uma mãe periférica encontra para poder sobreviver.

A autora transmite sua mensagem de forma ora sutil e velada, ora incisiva e direta. É através desses pequenos fragmentos que *Quarto de Despejo* consegue transportar o leitor para o cotidiano vivido por Carolina, revelando a dura realidade com a qual ela convivia diariamente. Outro aspecto marcante que permeia toda a sua obra é o alcoolismo, que se manifesta ao lado da violência, tanto nas brigas entre vizinhos quanto na violência doméstica, conforme ilustrado na Imagem 03.

Imagem 03 – Excerto do Livro Quarto de Despejo.

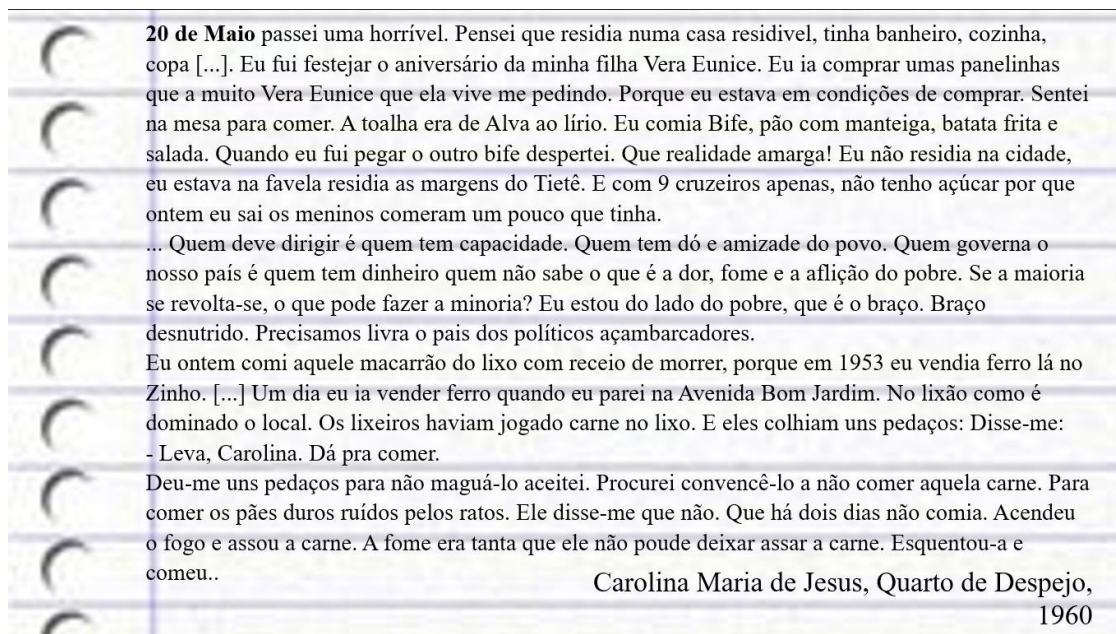


Fonte – Autora da pesquisa com base em Jesus (2014)

Nesse trecho, Maria de Jesus não apenas revela a violência que emerge das brigas entre vizinhos, frequentemente alimentadas pelo consumo de álcool, nos dando mais uma vez sinais dos fatores sociais que permeiam seu espaço. Ao registrar esses fragmentos em seu diário, a autora expõe a persistente violência e a dura realidade que enfrenta como moradora de um bairro periférico na metrópole mais rica do país.

A figura da fome é o último aspecto que abordaremos em nossa discussão. Ela é apresentada principalmente por meio da vivência política diária de Maria de Jesus. Embora a citação a seguir seja longa, sua análise requer que a consideremos em sua totalidade, como ilustrado no trecho presente na Imagem 04.

Imagem 04 – Excerto do Livro Quarto de Despejo.

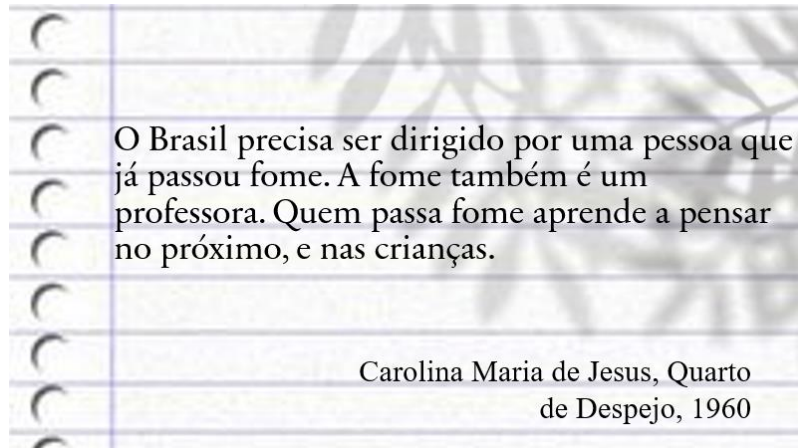


Fonte – Autora da pesquisa com base em Jesus (2014)

Ao descrever sua luta para acessar recursos básicos, Carolina revela, como discute Orlandi (2001), um discurso de resistência que é uma resposta direta às ideologias opressivas. A passagem em que ela comenta a falta de apoio governamental na favela representa uma desconstrução da visão neutra de discurso, revelando um poder ideológico que tenta silenciar sua comunidade. Assim, seu diário torna-se não apenas um relato de vida, mas um manifesto contra o abandono estatal

Reforçando a ideia de responsabilização dos gestores públicos pela má situação da população, Carolina pontua sobre o tipo de pessoa que deve governar, como pode ser observado na Imagem 05.

Imagem 05 – Excerto do Livro Quarto de Despejo.



Fonte – Autora da pesquisa com base em Jesus (2014)

Analisar esses trechos nos permite, além do impacto emocional, compreender toda a precariedade e os limites da condição humana. A busca por alimento e a situação de Maria de Jesus não são exclusivas a ela; elas se estendem a uma vasta camada da sociedade que vive à margem. Como a própria autora expressa: "Eu não residia na cidade, eu estava na favela, residia às margens do Tietê" (p. 31).

Para Maria de Jesus, a fome é constante e visceral mas também é uma professora, na sua mais simples e didática aula que um professor pode ensinar para o aluno. Se transpusessemos para hoje, possivelmente a autora seria entendida por muitos como uma acomodada pela sistema de ajuda do governo. A negação do *outro*, o simples fato de colocarmos cada indivíduo ou grupo humano não através da suas próprias potencialidades, e sim reduzi-los a um olhar presentista e orgânico.

A figura do "outro" na pós-modernidade é uma construção social que impacta profundamente a percepção pública das comunidades periféricas. Muitas vezes, esse "outro" é visto através de estereótipos negativos que desumanizam os indivíduos que habitam essas áreas, reduzindo-os a meras estatísticas de pobreza ou, em algumas situações, a objetos de curiosidade. Essa representação distorcida não apenas reforça preconceitos, mas também perpetua a exclusão social, uma vez que a sociedade tende a ignorar a complexidade das vidas e histórias das pessoas que vivem nas favelas (Malek, 2002).

Bauman (1998), descreve a pós-modernidade como um período aonde a figura do 'outro' é intensamente marginalizada e relegada às margens da sociedade. Em *Quarto de Despejo*, o discurso de Carolina emerge como uma voz dissonante que desafia essas

representações estigmatizadas, oferecendo uma narrativa alternativa que reivindica dignidade e justiça para as comunidades periféricas.

Na obra de Carolina Maria de Jesus, essa questão é particularmente evidente. Ao narrar sua vivência no Canindé, ela desafia os estigmas associados à sua condição. Sua escrita oferece uma perspectiva íntima e autêntica, permitindo que os leitores vejam a humanidade por trás dos rótulos. Ao expor a brutalidade da vida na favela, a violência cotidiana e as dificuldades de subsistência, Carolina não apenas denuncia as injustiças sociais, mas também nos dá ferramentas para transformar a imagem que a sociedade tem das comunidades periféricas.

A forma como o "outro" é representado na mídia e na literatura pode ter um efeito profundo na realidade cotidiana dessas comunidades. A desumanização frequentemente leva à desresponsabilização do Estado e da sociedade em relação aos problemas enfrentados pelos moradores de favelas, como a falta de acesso a serviços básicos, educação de qualidade e oportunidades de trabalho (Malek, 2002). Em contrapartida, ao trazer à tona as histórias e lutas dos indivíduos que compõem essas comunidades, a obra de Maria de Jesus propõe uma nova narrativa que humaniza esses "outros", desafiando o público a reconsiderar suas percepções e a se envolver em um diálogo mais empático e crítico.

Portanto, discutir a figura do "outro" na pós-modernidade não é apenas uma análise teórica, mas uma oportunidade para repensar a forma como construímos nossas realidades sociais e como podemos trabalhar para promover a inclusão e a dignidade de todos os indivíduos, independentemente de sua origem ou condição socioeconômica (Malek, 2002). Por meio da literatura e da arte, como exemplificado na obra de Carolina Maria de Jesus, é possível fomentar uma compreensão mais profunda e respeitosa das complexidades que caracterizam a vida nas comunidades periféricas.

A pós-modernidade, como conceito é muito difícil de se questionar ou definir. Na academia existe tanto pesquisadores que não aceitam o termo, como pesquisadores que tentam desmitificar esse conceito partindo da sua própria historicidade. Nesse sentido Silva (2009) afirma que

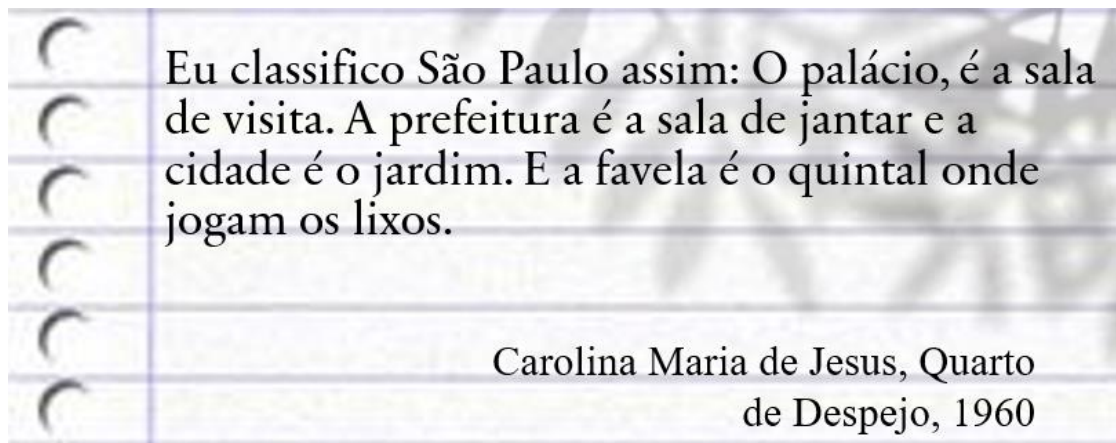
A pós-modernidade é assunto multidisciplinar: artistas, cientistas, filósofos, entre outros, refletem sobre esse tema. Mas para alguns desses pensadores o termo exprime coisas tão distantes que explica, na verdade, muito pouco, No entanto, mesmo seus mais ferrenhos

críticos parecem concordar com a existência de algumas características presentes em todos os discursos que dizem pós-modernos. E, nesse contexto, a análise e os meios de comunicação tem importante papel. (SILVA, 2009, p.339)

Bauman (1998, p. 28-29) apresenta os dois conceitos que ele nomeia como antropofágico, refere-se à aniquilação dos estranhos através do seu consumo e à transformação metabólica que se segue e antropoemia, que consiste em vomitar os estranhos, expulsando-os dos limites do mundo ordenado e impedindo qualquer comunicação com aqueles que pertencem a esse espaço. Ao discorrer sobre esses dois conceitos, Bauman (1998) revela como a pós-modernidade implica a negação do outro, ou seja, a exclusão social se manifesta na contemporaneidade, tendo como seu principal fator a recusa em reconhecer a humanidade dos que estão à margem.

A fala de Carolina deixa evidente o tratamento dado a esses estranhos que são como lixo para a elite, como pode ser visto na Imagem 06.

Imagem 06 – Excerto do Livro Quarto de Despejo.



Fonte – Autora da pesquisa com base em Jesus (2014)

Levando em conta a afirmação de Carolina, que ainda é bastante atual, concluímos que é que o *outro* se torna um sujeito desprovido de sua humanidade. Não existe mais o choque ou empatia sobre grupos ou indivíduos, a população marginalizada se apresenta como entretenimento ou uma triste realidade que não pode ser mudada/transformada, mas apenas descartada.

Se a cultura se manifesta nas ações dos grupos humanos, é na linguagem que ela assume sua forma mais plena. É por meio da linguagem que os espaços são criados e transformados, dando origem à nossa sociabilidade. Ao considerar o conceito de discurso, é importante ressaltar como essa ferramenta é sutil e pode ser utilizada por diferentes grupos. Em suma, para analisar a obra de Carolina Maria de Jesus, é



fundamental reconhecê-la como uma intelectual, moradora da comunidade do Canindé e um sujeito histórico que enfrenta dilemas complexos. A partir dessas questões, devemos investigar a obra de Maria de Jesus de maneira crítica, assim como ela mesma nos instiga a fazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de seu discurso, Carolina Maria de Jesus transforma o espaço da favela de Canindé em um local de resistência e crítica social. Sua obra questiona as representações convencionais e oferece uma nova perspectiva que humaniza o 'outro', mostrando que as construções de espaço e discurso, em um contexto pós-moderno, podem funcionar como poderosos agentes de mudança e denúncia social.

Ao refletirmos sobre a obra de Carolina Maria de Jesus à luz da pós-modernidade, essa prerrogativa se torna ainda mais evidente, pois é nesse contexto que a figura do outro se torna especialmente significativa. Questionar a obra de Maria de Jesus implica, antes de tudo, entender sua abordagem crítica e metodológica, levando em consideração sua perspectiva como moradora da antiga favela do Canindé.

É notável como, apesar das dificuldades enfrentadas em seu cotidiano, Carolina Maria de Jesus mantém um olhar crítico, caracterizando-se como uma intelectual que vivencia e compreende as realidades sociais e políticas de sua comunidade. Toda esta pesquisa fundamenta-se na análise de sua obra, considerando os aspectos de sua vida para explorar a relação intrínseca entre discurso e espaço que ela problematiza.

Em suma, interrogar a obra de Maria de Jesus significa investigar os conceitos que a própria pós-modernidade criou e legitimou. A narrativa visceral materializado em O quarto de Despejo, como discutido ao longo deste texto, envolve localizá-la como uma ação histórica e linguística, onde o discurso se torna o cerne que transforma e define os sujeitos em seus espaços, revelando a pluralidade de suas realidades.

Referências

BAUMAN, Zygmunt; **O Mal-Estar da sociedade Pós-Moderna**, Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama, Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1988.

CERTEAU, Michel. **Invenção do Cotidiano** - 1. Artes de fazer. 21. ed. – Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 2014.

Esperandio, M. R. G. Para entender pós-modernidade. São Leopoldo. Sinodal, 2007.



JAPIASSÚ; Hilton, MARCONDES; Danilo **Dicionário Básico de Filosofia** 3ª Edição. revista e ampliada Jorge Zahar Editor Rio de Janeiro 2001.

JESUS, Maria Carolina de, **Quarto de despejo: Diário de uma favelada**. Edição: 1ª ed. Ática, 2014.

Harvey, D. *The condition of postmodernity: an enquiry into the origins of cultural change*. Cambridge, Massachussetts, 1989.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 3ª ed., Campinas, SP: Pontes, 2001.

Michel Pêcheux. 3ª ed., Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997, p. 61 – 161.

MALEK, R. REPRESENTATION OF THE OTHER IN WESTERN HISTORY: A POSTCOLONIAL READING. **JOURNAL OF MODERNISM AND POSTMODERNISM STUDIES (JOMOPS)**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 143-163, 2022. DOI: 10.47333/modernizm.2022. Disponível em: <https://www.dergi.modernizm.org/index.php/journal/article/view/173>. Acesso em: 9 oct. 2024.

POPPER Karl, **A Lógica da pesquisa científica**. Trad. Leonidas Hegenberg, Octanny Silveira da Mota Ed. Cultrix São Paulo 1972.

SILVA; Kalia Vanderlei, SILVA Marcial Henrique **Dicionários de Conceitos Históricos** 2.ed. 2. Impressão- São Paulo: Contexto 2009.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 1. ed. Trad. Grillo, S; Américo, E. V. São Paulo: Editora 34, 2018.

Submetido em: 09/10/2024

Aceito em: 04/11/2024